

# Representações de lesbianidade no romance maranhense *Uma sombra na parede*, de Josué Montello

## Representation of lesbianity in the maranhense novel *Uma sombra na parede*, by Josué Montello

Saulo da Silva Lucena<sup>1</sup>  
Rubenil da Silva Oliveira<sup>2</sup>

---

RESUMO: O artigo analisou a lesbianidade no romance maranhense *Uma sombra na parede* (1995), de Josué Montello. A pesquisa foi do tipo bibliográfica, exploratória e explicativa. Fundamentado em Beauvoir (1980), Foucault (2007) e outros. Portanto, o narrador demonstrou, no romance, a visão ultraconservadora com que a sociedade maranhense notava a mulher lésbica, baseada nos discursos de poder e controle sobre os corpos, inclusive o bíblico/ religioso.

ABSTRACT: The paper analyzed the lesbianism in the maranhense novel *Uma Sombra na Parede* (1995), by Josué Montello. The research was bibliographic, exploratory and explanatory. It was based on Beauvoir (1980), Foucault (2007) and others. Therefore, the narrator demonstrated, in the novel, the ultra-conservative view with which maranhense society perceived lesbian women, based on discourses of power and control over bodies, including the biblical/religious.

PALAVRAS-CHAVE: Lesbianidade; Montello; Poder religioso; Literatura maranhense.

KEYWORDS: Lesbianity; Montello; Religious power; Maranhense literature.

---

<sup>1</sup>Graduação em Letras (UEMA). Pós-graduando *lato senso* em Literatura e Ensino (IFRN).

<sup>2</sup> Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor Permanente-PPGLB-UFMA. Mestre em Letras (UESPI). Doutor em Letras - Estudos Literários (UFPA).



---

## INTRODUÇÃO

O romance *Uma sombra na parede* (1995), de Josué Montello, conta a história da paixão lésbica de Ariana por Malu, no fim dos anos 90, na Ilha de São Luís. O narrador montelliano mostra-nos como a sociedade conservadora maranhense do fim do século XX lidava com as sexualidades dissidentes. Com isso, ele buscou discutir o embate religião versus lesbianidade, pois a diversidade sexual não adentrava no meio familiar de configuração cisheteropatriarcal e era vista como aberração. Dessa forma, buscou-se analisar como o narrador de Montello apresenta a figura da mulher lésbica no referido romance.

O autor Josué de Sousa Montello<sup>3</sup> publicou *Uma sombra na parede* em 1995, sendo um dos últimos romances dele, nele é narrado o amor platônico de Ariana por Malu e o preconceito que a paixão da primeira desperta na provinciana cidade de São Luís.

Essa pesquisa parte da tentativa de visibilizar as personagens lésbicas na cena literária maranhense, estas personagens por vezes foram chamadas de abjetas, desviantes e doentes e, por isso, postas à margem da sociedade. Tudo isso ainda é recorrente nos dias atuais, pois fazem parte de uma sociedade falocêntrica e heterocentrada, assim sendo, nota-se que o olhar da sociedade sobre o amor lésbico parece centrado “numa linguagem difusamente masculinista, uma

---

<sup>3</sup> Nasceu no dia 21 de agosto de 1917 e faleceu em 15 de março de 2006, sendo o quarto ocupante da cadeira 29, foi eleito em 4 de novembro de 1954, na sucessão de Cláudio de Sousa, sendo recebido por Viriato Correia em 4 de junho de 1955. Em 1932 o autor integrou a Sociedade Literária Cenáculo Graça Aranha, na qual se congregavam os escritores do Maranhão de filiação modernista. A inserção de Montello na literatura brasileira se deu a partir de seus primeiros trabalhos literários em *A Mocidade*, periódico do Liceu Maranhense, onde cursou o ginásio em São Luís e em seguida publicou seu primeiro romance *Janelas fechada*, em 1941. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/biografia>>.

linguagem falocêntrica, na qual as mulheres constituem o irrepresentável.” (BUTLER, 2018, p. 25).

Dessa forma, o preconceito para com as lésbicas inicia-se desde cedo, muitas vezes, no seio familiar. Além disso, percebe-se que o *bullying* LGBTfóbico não é uma prática familiar, mas também dos outros grupos sociais onde o sujeito gay se encontra inserido. Também se assevera que vivemos numa sociedade em que o papel relegado ao menino e menina é binário e heterocentrado e qualquer indivíduo que não se enquadre nas normativas sociais daquele que é considerado seu gênero biológico, é tido como anormal ou desviante.

Este artigo tem como objetivo analisar a lesbianidade no romance maranhense *Uma sombra na parede* (1995). Para isso, recorreu-se à fundamentação em autores como Beauvoir (1980), Bourdieu (2005), Mott (1987), Trevisan (2018), Foucault (2007) e outros. Também, além da introdução e das considerações finais como seções constituintes do artigo, a seção desenvolvimento foi dividida em dois sub-títulos – Os discursos de poder e controle da Igreja sobre o corpo lésbico e a lesbianidade no romance montelliano. Assim, partiu-se dos discursos de poder e controle presentificados na esfera social para um olhar mais aprofundado da narrativa literária.

## **Discurso de poder e controle sobre o corpo lésbico**

As influências bíblicas, no romance *Uma sombra na parede* de Josué Montello, afetam Ariana quanto à sua sexualidade. A personagem, que é católica, sempre buscava respostas divinas para a repulsa sentida pelo sexo masculino. Depois de dois casamentos frustrados em que ela foge, uma angústia pairava sobre si por não compreender de onde partia esse sentimento. Ariana buscava respostas divinas



---

para sua repulsa pelo sexo masculino, exatamente por causa do que isso representava para sua igreja, pois, em maior ou menor grau, todas as religiões mundialmente conhecidas e tradicionais, demonstram algum nível de rejeição ou preconceito, mesmo quando manifestam um discurso teoricamente não excludente. (SWILDLER, 1993).

Era comum na época as famílias, sobretudo conservadoras, educarem seus filhos na igreja, onde eram acostumadas desde cedo a frequentarem os cultos religiosos e, por vezes, participarem dos encontros catequéticos, na tentativa de fazer tais crianças seguirem os preceitos religiosos e passar para gerações futuras. Ariana fora educada sob a fé católica e consoante a isso, Ribeiro (2003) nos fala o quanto era comum as “meninas” frequentarem a igreja:

Desde pequenas as meninas, devidamente catequizadas, eram postas a participar das grandes celebrações católicas, pois quando crescessem e constituíssem família, transmitiram o catolicismo aos seus filhos; assim como fizeram as mães que as haviam levadas às aulas de catequese, às procissões e outros eventos católicos. (RIBEIRO, 2003, p. 141)

No fragmento acima, percebe-se a forte ligação da personagem com a Igreja Católica. Dessa forma, a família Ribas estava inserida num contexto tradicional, centrado nos discursos sagrados e, conseqüentemente, firmada na configuração cisheteropatriarcal<sup>4</sup>. Modelo familiar esse firmado na figura do pai viril, provedor; a mulher, a procriadora, do lar, com filhos obedientes e disciplinados.

---

<sup>4</sup> Cisheteropatriarcal será aqui compreendida com a mesma definição de heteronormatividade: "uma medida e uma forma de regulação da vida – que articula uma linha de “coerência” fixa entre o corpo, o gênero e a sexualidade" (DORNELLES e POCAHY, 2010). O prefixo "cis" foi adicionado em referência cisgêneridade também esperada pela norma, algo que gera o alto índice de mortes de sujeitos trans e travestis no Brasil.

Na narrativa, Ariana sempre que encontra alguma dificuldade na sua vida, sobretudo sexual, recorre à fé cristã. Quando se vê obrigada a casar pela segunda vez, ela clama por Nossa Senhora da Conceição: “- Minha Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, eu lhe prometo: não, não me mato. Mas me dê forças para suportar este dia. A senhora bem sabe o que estou sofrendo. Não, não é capricho. Mas também não sei o que é.” (MONTELLO, 1995, p. 27).

Há fragmentos bíblicos que justificam a condenação divina à homossexualidade, embora trate mais da afeminação dos homens, pouco se fala das mulheres lésbicas. As condenações são castigo ao “ser efeminado”, em geral, por ser o “passivo” no ato sexual, o lugar determinado à mulher. A homossexualidade não aparece, explicitamente, na Bíblia, há só uma discreta insinuação em alguns versículos, como por exemplo em Paulo (Rm 1: 26-27)<sup>5</sup> e sobre lesbianidade, há uma breve passagem bíblica que fala de Rute e Noemi (Rute 1: 16-17), que caracteriza uma relação homoafetiva:

Disse, porém, Rute: Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus; Onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada. Faça-me assim o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti. (BÍBLIA, Rute 1: 16-17)

Como vimos no fragmento acima há uma insinuação velada de um caso lésbico entre Rute e Noemi, a igreja se apega a passagens bíblicas como essa para condenar casos homossexuais. Neste sentido, a condenação não se dá somente em relação a passividade, mas a tudo que define a relação entre os/as iguais.

---

<sup>5</sup> Quanto à passagem acima referida “(...) suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza” (GERSTENBERGER, 1999, p.14), há quem afirme que ela não se refere necessariamente à homossexualidade, mas a práticas sexuais que não visam procriação, como o coito anal.



---

Portanto, o discurso das instituições religiosas, sobretudo da Igreja Católica sobre a homossexualidade, serve a diversas razões, entre as quais: reproduzir a desigualdade entre homens e mulheres; criar e manter a fronteira entre o “normal” e o “doente, desviante”. Inclusive, é por meio desse discurso que se criam condições de controlar as sexualidades e corpos, apresentando alternativas sagradas para a redenção dos pecados e salvação.

## Lesbianidade na obra *Montelliana*

No século XX, o casamento já fazia parte dos padrões heteronormativos arraigados na sociedade ocidental e consistia em constituir um modelo de família burguesa ou nuclear patriarcalista. Com isso, essa celebração tinha como principais motivos: (1) social – corresponder a família, a convicções morais e religiosas, (2) emocional – ser favorável a um relacionamento, estabilidade do casal e ser capaz de amar alguém, (3) econômico-pragmático – facilitar a vida quotidiana e (4) familiar – ter filhos (BAWIN-LEGROS, 1981).

Por isso, visto os quatro motivos elencados anteriormente, fica claro que o casamento não passa a significar um vínculo de amor e felicidade entre os cônjuges e para Ariana não tinha esse mesmo sentido, para ela era um martírio. A obra inicia-se com a personagem fugindo do segundo casamento, pois não aceitava a imposição de um outro matrimônio e, por total desconhecimento da sua orientação sexual, não entendia o motivo que a fazia sentir repulsa do seu segundo noivo Marcelo: “Sei que não devia ter ficado noiva. [...] De um dia para outro, esta repulsa ao Marcelo. Até a voz dele me exaspera. Não sei o que é. Mas é assim. Gosto dele como amigo. Para marido, não.” (MONTELLO, 1995, p. 27).

Como já imaginado, fugir da configuração imposta era uma ação inaceitável, mas no desespero, Ariana não via outra possibilidade a não ser fugir. Ela continuou a rejeitar os homens que a procuravam. Um certo dia, em um baile, ela rejeitara Marcelo, quando ele se aproximou dela e disse: “- E por sinal que, nessa mesma noite, comecei a pensar que ia ser minha mulher” (MONTELLO, 1995, p.40). Em seguida, ela o rejeita: “- E quem sabe se não vou ser para você, de fato, uma simples sombra na parede?” (MONTELLO, 1995, p.40). O narrador onisciente ressalta que:

Na vigília da madrugada, debalde tentara explicar a si mesma, como se tentasse descer à raiz do seu próprio mistério, o novo motivo da aversão irreprimível e que lhe dava a impressão obsessiva de que estaria obedecendo a um impulso estranho, que lhe mudava a personalidade e a obrigava a ser outra pessoa, dura, inflexível. [...] obrigando-a a trancar-se nos seus aposentos, de lâmpadas apagadas, com a impressão de que tudo, em seu redor, lhe doía e atormentava. (MONTELLO, 1995, p. 40)

Como percebido, Ariana sentia-se mal por não saber lidar com o sentimento amoroso por outra do mesmo sexo, com desculpas recorrentes, ela não sabia o que fazer para ocultar a repulsa que sentia por aquele homem. Nisso, o narrador mostra o comportamento típico de pessoas com orientação sexual iguais à Ariana, que escolhia o isolamento.

Ariana desenvolvia esses sentimentos nos corredores da escola e em outros espaços sociais e, no trecho da obra, no qual o narrador mostra aos leitores o comportamento de Ariana, quando ela não interage com os demais colegas: “[...] Ariana parecia refratária a amizades, preferindo isolar-se no seu canto, a ver figurinhas nas velhas revistas ou livros do pai, ou a brincar de esconder nos



---

desvãos do sobrado, para que João Emílio a descobrisse” (MONTELLO, 1995, p.46). Quanto ao isolamento repentino de Ariana, Perez explica que:

[...] muitos escolhem se isolar, por conta das práticas de *bullying* de caráter LGBTfóbico que diversificam entre formas mais leves como: piadas, risadas, comentários irônicos e diminutivos, recados em portas de banheiros, até atingir níveis mais elevados como: de violação e violências, perseguir, ridicularizar, humilhar e intimidação pública, agressão física, isolamentos. (PEREZ, 2011, p. 17)

Como citado por Perez, a grande maioria dessas causas de *bullying*, acontecem no ambiente estudantil e foi nesse contexto em que Ariana e Malu, iniciaram uma forte relação de amizade, iniciando-se no jardim de infância e logo depois “da escola modelo, na rua da Paz, ambas passariam ao Liceu Maranhense, na rua Direita, na parte mais antiga da cidade, e ali se acomodariam noutra carteira dupla, mais irmãs que amigas, a despeito do contraste de tipos e temperamentos” (MONTELLO, 1995, p.47). Muitas vezes a escola tem papel fundamental na construção da sexualidade de meninos e meninas, uma vez que é naquele espaço que acontece a socialização e convivência com outros sujeitos da mesma faixa etária. Sendo assim, convém destacar que:

O papel significativo da escola na iniciação e nas primeiras descobertas com relação à sexualidade pode ter relação com diversos fatores. Um deles seria a quantidade de tempo que a criança/adolescente passa na escola sendo, nesse espaço, onde ocorre a maior parte da socialização e da convivência com outros sujeitos da mesma faixa etária. (ALMEIDA; SOARES, 2021, p. 4)

De acordo com o fragmento acima, o contato frequentemente com outros estudantes na vivência escolar lhes faz vivenciar diversas discussões da vida adulta e conseqüentemente sexual. Ademais, o narrador busca deixar claro, uma



personagem sem feminilidade ao colocar a figura da tia Cremilda, sempre muito vaidosa, a cobrar-lhe mais adornos. Em um determinado dia, ela visita a família Ribas e encontra Ariana totalmente desprovida de vaidade e reclama como uma mulher deve andar para que arrume um marido:

Que desleixo é esse, Ariana? Mulher que não se cuida, que não se arruma, que não se ajeita, que não se perfuma, que não zela pela sua imagem, não é bem mulher. E tu com essa estampa, com esse porte, com esses olhos, com esse busto, sobretudo com essas coxas, és uma fêmea, como eu, como tua mãe, como tua avó. Fêmea, sim senhora. Por que ter medo da palavra? Eu digo fêmea, como digo macho, e nunca me arrependi. Para ser fêmea, uma boa fêmea, uma fêmea completa, o primeiro requisito é a feminilidade. E tu, pelo abandono em que estás, te esqueceste de tua obrigação fundamental como mulher! (MONTELLO, 1995, p. 57)

Como visto na citação acima, o papel da mulher na época era de um ser dotado exclusivamente de traços femininos e caso contrário, era vista como fora do padrão de beleza exigido para se candidatar a um casamento. A tia de Ariana em um tom machista, exige feminilidade da sobrinha. No caso, a feminilidade é construída para ser imposta à mulher, não partindo dela, visto ser o corpo uma construção social, além disso “nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a mulher ou a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 1980. p. 9). Logo após a cobrança de feminilidade por parte da tia de Ariana, o narrador insere na narrativa a independência da mulher, através da fala do pai de Ariana, onde ele permite a filha, o acesso ao mercado de trabalho, estudar e ter uma profissão, Dr. Ribas, então, fala diretamente a ela: “- Já é tempo de a mulher ocupar os postos a que também tem direito por seus estudos e por sua vocação” (MONTELLO, 1995, p.109), no caso de Ariana, ao terminar o curso de



---

Direito, viria a ser advogada no escritório da família cuidando dos negócios. Com isso, no trecho seguinte ela responde ao pai, num tom de empoderamento<sup>6</sup>:

- Sou mulher, mas não nasci para esperar marido, ou para depender de príncipe encantado, como nas histórias da carochinha. Não, isso não. Quero depender de mim. Só de mim. Do meu trabalho. Da minha competência. Sabendo que posso ser eu própria. Afirmativa. Senhora de minha vontade. Dona de mim. (MONTELLO, 1995, p. 110)

O excerto expressa que Ariana não se sente como adequada para o casamento, tampouco espera por um ideal de homem – o príncipe encantado – uma vez que ela não crê na existência deste nem se enquadra nas configurações de feminilidade propostas na sociedade patriarcal. Inclusive ressalta sua independência em não querer depender de homem, mas do seu trabalho revelando assim um novo ideal de mulher, a mulher que reivindicou a liberdade sexual e de gênero, que rompeu com os estereótipos da sociedade patriarcal e que não aceita menos direitos que os outros cidadãos. O narrador mostra a mulher ascendendo a lugares antes ocupados somente por homens, ela agora também tem direitos e voz. Por outro lado, aquelas que deixaram de lado a vida doméstica submissa ao marido e passaram a ocupar outros espaços tiveram sua capacidade questionada:

A verdade das relações estruturais de dominação sexual se deixa realmente entrever a partir do momento em que observamos, por exemplo, que as mulheres que atingiram os mais altos cargos (chefe, diretora em um ministério etc.) têm que ‘pagar’, de certo modo, por este sucesso profissional com um menor ‘sucesso’ na ordem

---

<sup>6</sup> Segundo Sardenberg “esse processo tem como objetivos: (1) questionar a ideologia patriarcal; (2) transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero as desigualdades sociais; e (3) criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais e informacionais.” (SARDENBERG, 2006, p. 6).

doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos como os filhos etc.) e na economia de bens simbólicos; ou, ao contrário, que o sucesso na empresa doméstica tem muitas vezes por contrapartida uma renúncia parcial ou total a maior sucesso profissional [...] (BOURDIEU, 2005, p. 126)

Bourdieu destaca acima que a mulher sempre foi colocada à prova, pois a sociedade falocêntrica deixava claro que a mulher ao ocupar outros espaços que não fosse o doméstico deixaria a desejar em algo, neste caso, se ela ocupa um cargo em uma empresa, conseqüentemente era não desenvolverá o papel de esposa com competência e assim, fica evidenciado que o domínio masculino tem controlado o universo por meio de um pensamento conservador e antiquado, o que possibilitou construir uma contradição da conduta feminina de modo a desmerecê-las. O narrador deixa implícito um possível caso de lesbianidade da dona Maria Ribas e a finada Creusa. Através das cartas encontradas por Ariana, ao lê-las ficou subentendido um caso amoroso das duas amigas. Ariana juntamente com seu pai, achou melhor dar um fim nas cartas como mostra no trecho: “- Posso lhe contar uma coisa? Não se zanga comigo? Eu também li algumas das cartas e cheguei a mesma conclusão. Não devíamos guardá-las. Dariam de minha mãe, nas relações com a Creusa, uma ideia errada, torcida. Agora, ponto final” (MONTELLO, 1995, p.138).

Percebeu-se, no fragmento anterior, que na época da mãe de Ariana o sentimento homoafetivo era totalmente desconhecido ou sufocado, uma vez que as relações homoeróticas entre pessoas do sexo feminino não eram permitidas ou sequer mencionadas nas rodas de conversa das famílias. Nesta perspectiva, convém mencionar que

Lésbica como sinônimo de homossexual feminina, só aparece na literatura francesa por volta de 1842, e na inglesa em 1870: no Brasil,



---

ao menos desde 1894, o criminalista Viveiros de Castro introduziu o termo *lésbica* como sinônimo de 'invertida sexual', passando a partir daí a ter tal significado, embora restrito, sobretudo às pessoas mais eruditas. (MOTT, 1987, p. 11)

Destarte, com a lesbianidade eclodindo politicamente, deu forças e permitiu que as pessoas se reconhecessem a si mesmas e às outras, saindo da invisibilidade. Nesta direção, podemos perceber que a palavra *lésbica* é usada contemporaneamente como identidade política, assim como o termo *gay*. Desse modo, ao considerar o que está posto no fragmento da obra anteriormente transcrito, Ariana estaria repetindo o mesmo ato de sua mãe com a amiga, o camuflar a sua orientação sexual.

Logo depois Malu chega a São Luís para visitar Ariana, a mesma ficara bastante agitada e começou a telefonar para todos os hotéis da cidade em busca de sua amada, em êxtase, ela fala: “- Ela quer fazer a surpresa de aparecer de repente, aqui no sobrado, para se atirar nos meus braços, gritando meu nome, como fazia no tempo do Liceu, sempre que se atrasava: “Naná! Aqui estou!”” (MONTELLO, 1995, p.146).

Ao se encontrarem, elas decidem ir à praia e o primeiro contato corporal (uma espécie de beijo) entre as mesmas acontece de forma inusitada, após um afogamento, Ariana tentando salvar a amiga Malu da morte, desesperadamente, grita: “- Me ajudem. A Malu está morrendo” (MONTELLO, 1995, p.168). De repente, ela tenta uma espécie de respiração boca a boca:

[...] junto seus lábios aos lábios entreabertos, sempre apoiada nos antebraços, e se pôs a soprar e chupar, soprar e chupar na intercadência da respiração forçada, até que teve a impressão de surpreender, nos olhos que seus olhos quase tocavam, um leve

movimento das pálpebras, como se lhe aflorassem um leve lume nas pupilas. (MONTELLO, 1995, p. 168)

No texto acima, percebeu-se que esse foi o primeiro contato de Ariana com os lábios de outra mulher, o afogamento significou a oportunidade de ela sentir a posse daquele corpo, naqueles braços que ela tanto desejara. Ainda na tentativa de tê-la em seus braços Ariana finge um desmaio e tropeça em Malu: “- que foi, Naná? – nada, querida. Tropecei, mas não foi nada. Já vamos prosseguir.” (MONTELLO, 1995, p.173).

O narrador, então, descreve os pensamentos de Ariana para com Malu: “sempre aos tombos, amparada apenas pela vontade sobre-humana, que lhe dava a convicção possessiva de que a Malu agora era sua, somente sua, e que ninguém poderia mais tomá-la, fosse o que fosse [...]” (MONTELLO, 1995, p.174). Nisso, percebeu-se que o romance entre as duas era platônico: “- Que é isso, Malu? Nunca viste mulher nua?” (MONTELLO, 1995, p.191). Por outro lado, nota-se que a dificuldade de Ariana assumir o amor pela amiga é parte da estrutura social que a criou e isso também implica em Malu não perceber o sentimento da primeira. Assim, o narrador descreveu Ariana:

E era essa emoção interrompida que parecia completar-se, com a Malu submissa ao seu carinho, de modo que os dois corpos se juntavam, completando-se, e era ela, Ariana, que se debruçava sobre a outra, ambas de olhos cerrados, ambas unidas, até que os dois seres deram a impressão de que se fundiam e transbordavam, no supremo desmaio da carne apaziguada. (MONTELLO, 1995, p.195)

Já quase no fim da obra, o narrador mostra a personagem já sabedora de si, que ela era lésbica, tinha chegado ao fim dos mistérios que causara tantas fugas, como aconteceu nos dois casamentos. Aquela imprecisão do seu eu, terminara ali,



---

quando enfim, ela descobrira sua real identidade como lido em: “- A vida é minha! Se Deus me fez assim, assim tenho de ser!” (MONTELLO, 1995, p.200). Dessa maneira, tomar essa liberdade para si, de ser quem é, transitando onde quiser, vestir-se como achar melhor, mais que isso, ter a liberdade de amar outra mulher. Esse olhar de Ariana dialoga com o paradigma cultural de Touraine (2006) no qual o sujeito se reconhece livre e gestor das suas próprias escolhas, incluindo a sua sexualidade. Neste sentido, destaca-se o autorreconhecimento de si enquanto lésbica, como posto em:

Reconhecer-se enquanto mulher lésbica é um ato político, que sugere uma reflexão sobre normas cotidianas e questões estruturais. É necessário falar sobre a pluralidade do feminismo e do movimento LGBTQIA+ para que as mulheres lésbicas sejam ouvidas, para garantir que suas pautas não sejam mais inviabilizadas. (SOUZA; GONÇALVES, 2022, p. 33)

Esse amor era vivido somente por Ariana, Malu no decorrer da obra demonstra ser heterossexual, pois não externa o mesmo interesse pela amiga. Em outro momento Malu fica confusa, porque a amiga disse:

- Ariana diz: Agora que tu és minha e eu sou tua para o resto da vida, não podemos deixar de viver juntas. Para te ser franca, e com todo o amor que tenho por ti, eu, sem ti, prefiro morrer.  
A Malu olhou a outra de frente, como se forcejasse para conter o riso, e por fim lhe pediu, esboçando o sorriso:  
- Como, Naná? Repete isso.  
E Ariana, grave, firmando bem o olhar:  
- Eu, com todo o amor que tenho por ti, prefiro morrer a não viver contigo. (MONTELLO, 1995, p 201)

Sem entender nada, Malu seguiu levando em tom de brincadeira a fala de Ariana e esse não compartilhamento do mesmo sentimento da amiga causara frustração em Ariana.

O narrador insere outra personagem com traços masculinos como os de Ariana, Mundiquinha Dourado, que resolveu se isolar temendo a violência na rua, compreendeu-se que ela representa uma alegoria do sofrimento o qual mulheres lésbicas e prostitutas estão sujeitas no cotidiano. Essa violência acontece por diversos fatores, por exemplo, o não se sentir confortável com as roupas comuns ao vestuário feminino quando se trata de mulheres com perfis mais aproximados dos estereótipos associados ao universo do masculino. Sobre a violência imposta ao corpo de Mundiquinha Dourado, o narrador atesta que, muitas vezes, ela não podia sair à rua, pois a sociedade a insultava, chamando-a de sapatão. (MONTELLO, 1995).

A violência que acomete gays e lésbicas é ainda uma chaga social visível não somente na sociedade maranhense, mas no Brasil e em outros países e que nos últimos com a força das mídias sociais tem ganhado maior visibilidade, uma vez que antes essa violência era silenciada e se culpava a vítima. Por sua vez, a hostilização de Mundiquinha mostrada pelo narrador é considerada, na contemporaneidade, como um caso explícito de lesbofobia.

Também convém ressaltar que a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) protege lésbicas, transexuais, travestis, transgêneros e todos os sujeitos que possuem identidade social feminina estão sob a proteção da lei. Por se tratar de Lei anterior à publicação da obra, vimos a omissão do Estado em: “E quando ela, acossada, pediu ao guarda da esquina que a protegesse, este abriu os braços, desolada, porque seria um só contra a multidão [...]” (MONTELLO, 1995, p.204). Nisso, compreendeu-se que o narrador mostra ao leitor a omissão do Estado no



---

tocante à proteção aos homossexuais, por se tratar de sujeitos que para ele eram vistos como doentes, abjetos e desviantes.

Ariana desconfiada de que Malu estava se envolvendo com outra pessoa, ameaça se matar: “- Prefiro matar-me. Sim: mato-me. Não faço falta a ninguém” (MONTELLO, 1995, p.233). Num momento de obsessão por Malu, Ariana imagina-a deitada sobre uma cama se entregando para João Emílio e pensa em cometer um crime passionai: “E por que não mataria Malu? Só ela, mais ninguém! E que faria de si mesma, depois do crime? O escândalo estouraria. E só hipótese ia prevalecer – a da paixão dela, Ariana, pela amiga de infância. Um crime passionai.” (MONTELLO, 1995, p.234).

Evidenciou-se, no fragmento, a obsessão de Ariana pela amiga Malu, numa tentativa de tê-la só para ela, não conseguindo, ela tentou chantagem emocional, pautada no suicídio. Ao perceber a não mudança de Malu em ficar em São Luís, ela a imagina com outra pessoa, no caso homens, planeja o crime passionai e pensa como o mesmo seria noticiado pela imprensa. A ação da protagonista parece revelar o ponto de vista da imprensa e sociedade sobre a morte de membros da comunidade LGBTQIA+ como sempre sendo passionai, os homoafetivos como sujeitos violentos e capazes de eliminar seus parceiros. Esse episódio, a imagem de gays e lésbicas capazes de matar seus amores, contribui para colocá-los à margem da sociedade e gerar mais preconceitos.

O narrador metaforiza a imprensa que massifica a estereotipação e estigmatização de gays e lésbicas. Dessa forma, “os jornais da imprensa sensacionalista, evidentemente, não perdiam a oportunidade de aumentar sua vendagem através de manchetes escandalosas; não por acaso, preferiam enfatizar situações em que a bicha, de algum modo, era o vilão.” (TREVISAN, 2018, p.393).



Então, quando Ariana decide cometer crime passionai e já imaginando a repercussão nos jornais da cidade, ela pensa:

[...] logo badalado pela imprensa, transmitido pelas rádios, fotografado nas revistas ilustradas. E o pobre Dr. Ribas, como pai da criminosa, sem poder defender a filha, e sem ter para o crime uma justificativa, uma atenuante, a não ser o reconhecimento do crime de amor, sórdido, repulsivo, humilhante! (MONTELLO, 1995, p.234)

Outro momento em que o narrador fala da imprensa é na narração da perseguição à Mundiquinha Dourado, na rua, por conta de uma publicação no jornal que a desmoralizava, inclusive teve sua casa pichada. Ela foi acusada de seduzir mulheres para sua casa, as quais foram alcunhadas de “parceiras da sua anormalidade”. Há uma breve descrição da sua figura estampada na página do jornal, levando-a à zombaria, “em breve, nos jornalecos de fim de semana, lá estava ela, com o cabelo curto e gravata borboleta, a servir de ilustração grotesca às acusações contra a sua pessoa” (MONTELLO, 1995, p.204). A imprensa contribuiu imensamente para a imagem negativa da população LGBTQIA+, como podemos ver abaixo:

A imprensa muitas vezes acaba reforçando e contribuindo com uma imagem negativa. Por exemplo, o jornal não estampa: mulher é assassinada a tiros no sul do Tocantins. No caso da transexual, seria: travesti é assassinada a tiros no sul do Tocantins. Ao evidenciar esse ponto, o jornalismo abre espaço para o público associar o problema ao grupo minoritário e com o advento da interatividade é possível perceber através de comentários, repercussões e outras sociabilidades digitais, os reflexos negativos dessa associação. Dessa forma, a imprensa, mesmo que de forma não proposital, acaba colaborando com a reprodução e perpetuação de preconceitos e estereótipos acerca dessa população. (PINHO; SILVA; NETO, 2020, p. 23)



Quando gays e lésbicas se descobrem e se aceitam buscavam mudar de cidade, pois numa cidade em que todos os conhecem torna-se impossível viver sua sexualidade sem serem maltratados e sofrerem preconceito por parte até mesmo da família. Nesse caso, elas mudam da cidade natal para cidades maiores, como as grandes capitais e assim Ariana pensa a assumir sua orientação sexual se mudando de São Luís: “Foi então que lhe veio a certeza de que, em Campinas ou em São Paulo, se encontraria com a Malu, para superar o medo e a hesitação, e talvez viver ali, ou noutra cidade grande, onde não fosse tão severa a vigilância alheia. Deus iria ajudá-las!” (MONTELLO, 1995, p.252). Durante o processo de “sair do armário” mudar da cidade natal para outra cidade é o caminho mais acertado como visto no excerto seguinte:

Se a pessoa sente, com razão ou não, que não pode “sair do armário” na própria casa, mudar de cidade oferece a oportunidade entre desconhecidos. Com frequência, é uma experiência intensa em um lugar novo e distante, onde ninguém conhece a família ou os amigos da pessoa GLB. Depois de dar esse passo, muitas pessoas cortam completamente relações com suas vidas passadas. Outras, depois de se sentirem confortáveis na nova vida, usam o aumento de confiança que acompanha a integração psicológica para “sair do armário” para amigos e familiares na hora de voltar para casa. (LEVOUNIS; DRESCHER; BARBER, 2014, p.30)

Firme em viver sua sexualidade ela afirma: “[...] E Deus, que me fez como eu sou, não vai me abandonar” (MONTELLO, 1995, p.255). Com isso, ela tem certeza de que Deus a fez assim, não iria castigá-la e ela poderia viver com Malu felizes para sempre como ela fala nesse trecho de forma empoderada: “- Meu lugar é aqui. Vou e volto. Trazendo a Malu. Para morarem ali. Que lhe importava a língua solta das

ruas? Ou o olhar atravessado da maledicência urbana, quando andasse com o braço no braço de Malu?” (MONTELLO, 1995, p.255).

O narrador traz na obra o assédio sofrido por mulheres, no caso de Ariana a cuidar de seu pai numa cidade grande, meio indefesa, o médico de seu pai, Dr. Genaro se aproveita da situação de vulnerabilidade para se aproveitar dela, ele então insiste em sair com ela: “- Quando quiser esquecer que sou médico de seu pai – sussurrou-lhe, com seu ar de bonachão – está autorizada por mim. Eu, que cedo perdi meu pai, já adotei o Dr. Ribas.” (MONTELLO, 1995, p.270).

Outro fato comum à identificação da mulher lésbica, em tempos passados, foi o seu estilo denominado “estética lésbica”, o qual inclui determinados estilos ou cortes de cabelos, como também as vestimentas, e que tudo isso seria próprio e “característico” das mulheres lésbicas (CICCONETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 22). Todavia, cabe afirmar que não necessariamente ser lésbica significa assumir um estereótipo tipificador da masculinidade, uma vez que ser lésbica é relacionar-se sexualmente com outra mulher e para que esse amor aconteça não há a necessidade de que uma delas ou ambas se vistam ou cortem o cabelo estilo “Joãozinho”.

Por outro lado, reproduzindo a estética lésbica de Cicconetti e Magalhães (2019), o narrador montelliano mostra o estereótipo da masculinização das lésbicas, perceptível no corpo e nas vestimentas, em dois momentos da narrativa. O primeiro momento refere-se à mudança corporal de Mundiquinha Dourado e o segundo momento é quando Ariana realiza mudanças corporais e o irmão dela nota tais diferenças, conforme posto a seguir:

- Que foi isso, Mana?  
E ela, tranquila:



---

- Comecei a me preparar para a viagem. Não quero, em Campinas, ter de ir ao cabelereiro todas as semanas. Lá agora, é época de calor. Com este corte, basta compor os cabelos com o pente, ou mesmo com a mão, e estou penteada.  
E João Emílio, aprovando:  
- Não ficou mal, mana. Mas com ar de rapaz.  
(MONTELLO, 1995, p.252)

As mudanças corporais e nas vestimentas fica perceptível no visual de lésbicas, pois, algumas mulheres na tentativa de corrigirem o gênero a que se sentem pertencentes, elas buscam afirmação através dessas mudanças. Por sua vez, como pensado em Mott (2003) nem toda lésbica deseja ser homem assim como nem todo homem gay tem uma mulher acorrentada dentro de si. Ariana compartilha dessa identidade internamente masculina, ela procura traços que a relacionem ao ser masculino, apalpando seu corpo, ela busca algum sinal de masculinidade:

[...] por fim bateu-se, sem perder de todo a angústia das pupilas temerosas, sempre em busca de um indício qualquer de alteração no seu corpo feminino. [...] mais perto do espelho, ficou a pensar se a leve penugem entre os seios não seria um sinal de masculinidade. [...] – bobagem. Esta penugem não quer dizer nada. Menos ainda esta outra nas minhas costas. (MONTELLO, 1995, p.280)

E por fim, Ariana não vive esse amor que ela tanto desejava durante toda sua vida, Malu terminara por casar com João Emílio: “- Estou feliz, mana. Vou me casar com Malu” (MONTELLO, 1995, p.301), muito abalada sem conseguir aceitar, ela caiu no choro e em seguida vai ao encontro do irmão e do pai:

E ao se ver só, novamente de porta fechada, deitou-se de bruços na cama de casal para desfazer no pranto demorado a renúncia da vida que poderia ter sido a sua. Foi preciso voltar a pensar na Mundiquinha Dourado, masculinizada pelo tempo e pela vida, tornar a molhar o rosto, preparando-se para descer do mirante e ir ao encontro do pai e do irmão, que estariam à sua espera. (MONTELLO, 1995, p.304)

Portanto, ao término da leitura da obra, concluiu-se que o autor tinha como grande intuito mostrar como se comportavam as famílias na época quando o assunto era a lesbianidade. Durante toda a obra ele busca mostrar vários temas ligados à vida da comunidade LGBTQIA+ que se faziam presentes no dia a dia. Ele mostra a ação da igreja, a conduta do guarda ao não proteger Mundiquinha Dourado. Todavia, ressalta a hostilização sofrida por ela na rua e depois a figura da imprensa a transformar-lhe em algo caricato, a fim de transformá-la num assunto cômico, quando aquilo é o mais absurdo sofrimento, pois ela foi impedida de sair de casa, temendo a violência na rua, o que também era frequente aos gays masculinos, lésbicas e travestis.

## CONCLUSÃO

Na análise da obra foi possível verificar que o autor inseriu temas recorrentes na sociedade da época, como: a inserção da mulher no mercado de trabalho, a obsessão amorosa, omissão do Estado no que diz respeito à comunidade LGBTQIA+, a religiosidade é também debatida na narrativa, inclusive mostrou como a igreja se relaciona com o tema lesbianidade. É inserida também a imprensa, pois sabemos que esta, por muitos anos, estigmatizou e estereotipou gays e lésbicas, disseminou o preconceito de forma absurda, causando abjeção a



---

esses sujeitos e os colocando à margem da sociedade. Por sua vez, ainda que não apresentados no corpo do artigo, vale ressaltar que inúmeros periódicos como *Snob*, *Lampião da Esquina*, *Coluna do Meio* e *Okeizinho* serviram de contraponto à estereotipia e estigmatização dos corpos gays e lésbicos dos anos 1960 a 1980 (PÉRET, 2012).

O autor também conseguiu mostrar que a sexualidade muitas vezes se inicia na escola, pois em se tratando da protagonista, ela conheceu sua amada Malu no Liceu Maranhense. Na escola, tais sujeitos, têm contato com pessoas da mesma faixa etária, entre as meninas a afetividade é vista como normal uma certa aproximação; já com os meninos, o homem não pode ter tanto contato físico com outro homem, pois já caracteriza interesse homoafetivo, neles as demonstrações de carinho são raras quase zero. Dessa forma, Montello trouxe a configuração de uma família cisheteropatriarcal e cristã católica. A mulher dentro dessa configuração, tem que se casar, procriar e viver submissa ao marido, mas Ariana rompe com esse padrão ao mostrar independência e empoderamento, ela uma mulher que estuda, dirige, trabalha e teve a coragem de fugir de dois casamentos, por não aceitar a heterossexualidade compulsória, nem ser submissa ao homem e também por sua orientação sexual.

Durante a narrativa, evidenciou-se que esse amor cultivado por Ariana é platônico, a amiga Malu, não compartilha desse sentimento. Malu, muitas vezes não compreendia tamanha obsessão da amiga em estar sempre ao seu lado. Com isso, Ariana planeja um crime passionai, típico de relacionamentos abusivos. A obra finaliza com Malu casando com João Emílio, que vem a ser irmão de Ariana, isso demonstra que a amiga é heterossexual, Ariana, por sua vez, cai em desespero, terminando por viver sozinha.

Outro tema suscitado pelo autor é a “estética lésbica”, isto é, o visual masculinizado. Construiu-se um estereotipo da mulher lésbica, baseado na figura masculina, cabelos curtos, vestimentas masculinizadas, entonação da voz, modo de andar e outros.

Portanto, Josué Montello, em sua obra, abordou todos esses temas no contexto maranhense na metade da década de 1990, na Ilha de São Luís, sociedade ultraconservadora. Buscou com isso, mostrar como essa sociedade heterocentrada via os homossexuais, como o Estado não protegia os gays e as lésbicas, que a mulher começava a ocupar o seu lugar no mercado de trabalho, mas com o aval do masculino. No romance *Uma sombra na parede*, foi mostrado, de forma política, como as mulheres eram tratadas e como o autor gostaria obviamente de vê-las representadas, inclusive, tirou a mulher lésbica da opressão causada pela heteronormatividade vigente até os dias atuais.



---

## Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia*. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/biografia>>. Acesso em 07 nov. 2022.

ALMEIDA, Ana Laura; SOARES, Rosângela Rodrigues. Narrativas de mulheres lésbicas sobre as vivências no cotidiano e no período escolar. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, n. 29, v. 1, p. 1-14, jan. 2021.

BAWIN-LEGROS, Bernadette. *Familles, mariage, divorce*, Liège: Pierre Margada, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. v.I, II. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

CICCONETTI, Josefina Raquel; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Banheiros públicos como espaços de regulação cotidiana dos gêneros: entrevistas com mulheres lésbicas. *Cadernos Ceru, São Paulo*, n. 30, v. 2, p. 102-123, dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GERSTENBERGER, Erhard. Sexualidade, homossexualismo e convivência. *Estudos Teológicos, São Leopoldo*: n. 39, v. 1, p. 5-26, set. 1999.

LEVOUNIS, Petros; DRESCHER, Jack; BARBER, Mary. *O Livro de Casos Clínicos GLBT*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MONTELLO, Josué. *Uma sombra na parede*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987.



NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In.: HEILBORN, Maria Luiza; DUARTE, Luis Fernando; PEIXOTO, Clarice; LINS DE BARROS, Myriam Moraes. (Orgs.) *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005, p. 247-272.

NUNES, Virgínia de Santana Cordolino. Educação não combina com violência: uma breve reflexão sobre violência lesbofóbica no contexto universitário. *Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero*, Rio Grande do Sul: UFSC, n. 7, p. 1-12, maio. 2014.

PERES, William Siqueira. "Transfobias, lesbofobias e homofobias invisíveis: o que a escola tem com isso?". *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Campo Grande, UFMS: n. 17 v. 34, p. 154-176, jul/dez. 2011.

PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: PubliFolha, 2012.

PINHO, Alice Agnes Spíndola Mota; SILVA, Andréia Fernandes da; GASPARETTO NETO, Zeninho Luiz. Webjornalismo e construção de sentidos: uma análise das notícias sobre a população lgbt no g1 tocantins. *Revista Observatório*, Palmas, n. 6, v. 6, p. 1-27, out. 2020.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Igreja Católica e Modernidade no Maranhão, 1889 - 1922*. 2003. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SARDENBERG, Cecília. Conceituando "Empoderamento" na perspectiva feminista. Transcrição revisada de comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: trilhas do empoderamento de mulheres. *MEIM/UFBA*, Salvador, jun. 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2022.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Lei Maria da Penha de nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em 07 jan. 2022.



SOUZA, Tânia Lara Marcelino; GONÇALVES, Aline Najara da Silva. Lésbica futurista, sapatona convicta: da abjeção ao ser político. *Revista Discentis*, Irecê: n. 8, v.1, p. 27-36, jan. 2022.

STORNILO, Ivo. *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*. 43. impr. São Paulo: Paulus, 2001.

SWIDLER, Arlene. *Homosexuality and World Religions*. Valley Forge: Trinity Press Internacional, 1993.

TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Recebido em 17/09/2022  
Aceito em 18/10/2022